

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

SIRLEI FERREIRA DOS SANTOS

BULLYING: ESCOLA E FAMÍLIA

MARINGÁ

2012

SIRLEI FERREIRA DOS SANTOS

BULLYING: ESCOLA E FAMÍLIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof^aDr^a Luciana Maria Caetano

MARINGÁ

2012

SIRLEI FERREIRA DOS SANTOS

BULLYING: ESCOLA E FAMÍLIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Luciana Maria Caetano (UEM)

Profª Drª Solange Franci Raimundo Yaegashi (UEM)

Profª Ms Celma Regina Borghi Rodriguero (UEM)

Aprovada em ____ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu amado Deus, por estar comigo e não me deixar desanimar durante esses quatro anos do curso.

Agradeço à minha querida orientadora Luciana, por ter aceitado me orientar neste trabalho, que sem seu auxílio e seu talento, esse trabalho não teria saído do plano das ideias. Muito obrigada pela paciência e conselhos.

Agradeço também, e de forma muito especial, à minha mãe, Maria das Graças, meu maior e melhor exemplo de mulher, mãe e guerreira da vida, que com muito amor, esforço e dedicação, permaneceu sempre ao meu lado, nos momentos de felicidade e de angústia.

A todos os professores e amigos que contribuíram direta ou indiretamente, fazendo parte da minha formação.

A todas as pessoas que se fizeram presentes, que se preocuparam, e que torceram por mim. Nessa categoria, merece especial registro minha amiga Paula Carolina, pelo carinho e atenção nas horas difíceis, e pela paciência de me ouvir falar, chorar na hora do desespero, pelas leituras que fez de meu trabalho, e pelos vários fatos acontecidos nesses quatro anos. Aprendi muito caminhando a teu lado, sem você meu caminho seria diferente. Obrigada por não ter me deixado desistir do curso, nas várias vezes que falei em desistir.

Agradeço às amigas do trabalho, que me ajudaram e me apoiaram. Enfim, a todos vocês que fazem parte da minha vida e que me ajudaram de alguma maneira, muito obrigada.

SANTOS, S.F. **BULLYING: ESCOLA E FAMÍLIA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar o conceito de *bullying* à família de crianças do ensino fundamental, e buscar elencar atitudes e propostas de parceria na construção da relação família e escola para prevenir a ocorrência de *bullying* nas escolas. Pensamos que é necessário saber o que a família sabe e não sabe sobre o *bullying*, para assim podermos promover uma real aproximação e oportunidade de diálogo partindo do compromisso de ouvir o que a família tem a dizer sobre tal fenômeno. A pesquisa foi realizada através de revisão de literatura e pesquisa de campo. Para revisão da literatura utilizamos artigos e livros sobre o *bullying* e sobre a relação família e escola, e a pesquisa de campo foi realizada por meio de um questionário entregue a pais, mães e responsáveis por crianças que frequentam o ensino fundamental. A análise dos resultados foi qualitativa. Chegou-se a conclusão que pais têm um conceito superficial a respeito do *bullying*, têm apenas uma ideia do que se trata, fazendo confusão ao definir o *bullying* como uma agressão, preconceito, brincadeiras de chacota entre crianças.

Palavras-chave: *bullying*, relação escola-família, concepções educativas.

ABSTRACT

This work is aimed at investigating the conception of bullying the family of children coursing the Elementary and Junior High School and the attempt to display attitudes and proposals for partnership to construct the relationship between family and school in order to prevent the occurrence of bullying in schools. There is the need of knowing what the family knows and what they don't know about bullying, so that people can promote a real proximity and the opportunity for dialogue, starting from a compromise in hearing what the family has to say about such phenomenon. The research was made up through bibliographic reviewing and a field research. Books and articles about bullying, as well as family and school relationship were used to build up the literature review. As for the field research, a questionnaire was forwarded to parents and responsible for the children who course the Elementary and Junior High School. The analysis of data was qualitative. Reached the conclusion that parents have a superficial concept about bullying, have only an idea of what this is about, making confusion by defining bullying and aggression, prejudice, jokes ridicule among children.

Keywords: bullying, relationship between school and family, educational conceptions.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Faixa Etária dos participantes da pesquisa | 28 |
| Gráfico 2 – Sexo | 29 |
| Gráfico 3 – Escolaridade..... | 30 |
| Gráfico 4 – Profissão | 31 |
| Gráfico 5 – Renda Familiar | 32 |
| Gráfico 6 – Composição Familiar..... | 33 |

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais ... 48

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 SOBRE O <i>BULLYING</i> | 11 |
| 2.1 CONCEITO | 11 |
| 2.2 HISTÓRICO SOBRE O <i>BULLYING</i> | 13 |
| 2.3 COMO SE DESENVOLVE NAS ESCOLAS | 16 |
| 2.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO <i>BULLYING</i> | 18 |
| 3 SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA | 20 |
| 4 SOBRE A PESQUISA | 25 |
| 4.1 OS PARTICIPANTES | 25 |
| 4.2 SITUAÇÃO EXPERIMENTAL | 26 |
| 4.2.1 Local | 26 |
| 4.2.2 Instrumentos de Pesquisa | 26 |
| 4.3 PROCEDIMENTOS | 27 |
| 4.3.1 Para a Coleta de Dados | 27 |
| 4.3.2 Para a Análise de Dados | 27 |
| 4.4 Análise do questionário sócio demográfico | 28 |
| 5 SOBRE OS RESULTADOS | 34 |
| 5.1 QUESTÃO 1 : VOCÊ SABE O QUE É O <i>BULLYING</i> ? | 34 |
| 5.2 QUESTÃO 2 : O QUE VOCÊ SABE SOBRE <i>BULLYING</i> ? | 34 |
| 5.3 QUESTÃO 3 : A ESCOLA JÁ FEZ ALGUM TIPO DE EXPLICAÇÃO SOBRE O TEMA DO <i>BULLYING</i> ? | 36 |
| 5.4 QUESTÃO 4 : SEU FILHO OU SUA FILHA JÁ FOI VÍTIMA DE <i>BULLYING</i> ? CONTE O CASO | 37 |
| 5.5 QUESTÃO 5 : QUAL O PAPEL DA ESCOLA ? | 39 |
| 5.6 QUESTÃO 6 : QUAL O PAPEL DA FAMÍLIA? | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 44 |
| REFERÊNCIAS | 46 |

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa caracterizou-se por investigar o conceito de *bullying* à família de crianças do ensino fundamental. Investigar esta temática é fundamental, pois escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo.

Sobre a temática em questão, a autora Fante (2005) declara a necessidade dos professores se aprofundarem mais nos estudos sobre o *bullying*. A autora enfatiza a importância dos diversos profissionais terem um entendimento mais aprofundado sobre o assunto, para que encaminhamentos, atendimentos e procedimentos não sejam equivocados.

De acordo com as leis as escolas devem instituir programas preventivos, compostos por um conjunto de ações que visem reduzir o problema e incentivar a cultura de paz. Dentre as ações, podemos citar: capacitação de docentes e equipe pedagógica para o diagnóstico, intervenção e encaminhamento de casos, formação de equipe multiprofissional para estudos e atendimentos de casos, envolvimento da comunidade escolar dentre eles pais, docentes e discentes, equipe pedagógica, nas discussões e desenvolvimento de ações preventivas, estabelecimento de regras claras sobre o *bullying* no regimento interno escolar [...] (FANTE, 2005, p.3).

Entendemos que a parceria entre família e escola é necessária, para que o espaço escolar seja um lugar de trocas, de diálogos e principalmente de construção coletiva de estratégias para prevenir e combater *bullying* entre alunos e a violência nas escolas e nas famílias.

Portanto, estudar o que pensa a família sobre o *bullying* pode contribuir para a aproximação da escola e da família, no sentido de conhecimento e respeito mútuo sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes.

O nosso interesse pessoal pelo tema surgiu quando assistimos a uma palestra sobre *bullying* na semana de pedagogia do ano de 2009, momento esse quando pela primeira vez ouvimos falar a respeito desse problema enfrentado pelas escolas brasileiras.

Nesse momento nos demos conta de que, em nossa formação básica quase não tivemos oportunidades de estudar a questão da violência e da agressividade na

escola. Portanto, desejamos com esse trabalho realizar esse estudo que nos permita estarmos mais bem preparadas para nossa futura atuação profissional.

O objetivo geral da pesquisa é investigar qual é o conceito de *bullying* à família de crianças do ensino fundamental. Quanto aos objetivos específicos, estes têm como finalidade, compreender o fenômeno *bullying*: conceitos, histórico, como se desenvolve e suas consequências; Investigar a relação família e escola, sobre a temática do *bullying*, procurando analisar o que pensa a família sobre este fenômeno e analisar qual o papel da família e da escola na prevenção do *bullying*.

Além disso, vislumbramos a necessidade de pesquisas que relacionem o tema da família ao *bullying*, visto que poucos estudos existem no Brasil, estabelecendo essa conexão entre os dois temas.

O estudo está estruturado da seguinte forma:

Seção II – Sobre o *bullying*

Nesta seção abordamos através da revisão bibliográfica o fenômeno *bullying*: conceitos, histórico, como se desenvolve e suas consequências.

Seção III – Sobre a relação Família-escola

Nesta seção dedicamos-nos através da revisão bibliográfica um estudo sobre o conceito de família, a transformação que vem ocorrendo no âmbito familiar, e como a escola pode contribuir para que aconteça uma parceria entre escola e família.

Seção IV - Sobre a pesquisa;

Nesta seção mostraremos como foi realizada a pesquisa de campo.

Seção V - Sobre os resultados;

Nesta seção responderemos a questão problematizadora desse trabalho de conclusão de curso.

2 SOBRE O BULLYING

A presente seção tem por objetivo compreender através da revisão bibliográfica o fenômeno *bullying*, seus conceitos, bem como apresentar um breve histórico sobre o tema, explicando como se desenvolve o *bullying* nas escolas e suas consequências. Para isto, foram utilizados artigos e livros, com o intuito de propor uma melhor compreensão sobre o tema.

2.1 CONCEITO

A palavra *bullying* é de origem inglesa e é utilizada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão (FANTE, 2005). Vários são os autores com responsabilidade e conhecimento acerca desse assunto, mas enfatiza-se o trabalho desenvolvido pela autora Fante (2005), pois é pioneira sobre o assunto, e as autoras Nogueira (2005) e Silva (2010).

Segundo Fante (2005, p.168), “o comportamento agressivo e violento nas escolas é hoje um fenômeno social complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo”.

Segundo Fante (2005, p.29), o *bullying* pode ser considerado como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigações e de estudos nas últimas décadas, por despertar a atenção da sociedade para suas consequências trágicas e dolorosas. Mas, por outro lado, o *bullying* é considerado como um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas.

O comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Ocorre em todas as escolas, independente de sua localização, turno ou poder aquisitivo da comunidade escolar.

Pode-se definir o *bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, no qual os mais fortes transformam os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, por meio de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar (FANTE, 2005, p.29).

É um tipo de violência capaz de promover uma série de consequências a todos os envolvidos, e tem se desenvolvido com muita frequência nas escolas de todos os países. Conforme Fante (2005, p.27), existem vários termos para conceituar esses tipos de comportamento, como por exemplo, na Noruega e na Dinamarca, o termo utilizado é “*Mobbing*”, em Portugal, o *bullying* é chamado de “maus-tratos entre pares”.

Assim sendo, Fante (2005, p.28-29) define o *bullying* universalmente como:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Diversos pesquisadores vêm dando definições e contribuições ao longo do tempo, sobre esse tipo de comportamento. Nogueira (2005 b) faz uma análise sobre a violência, na qual aponta a importância de se estudar o *bullying*, pois considera que é preciso que os professores reflitam mais sobre este assunto, especialmente dentro do ambiente escolar. A autora afirma que no Brasil, este assunto é pouco pesquisado, por isso não temos indicadores que forneçam uma visão global para se comparar com os demais países. Ela enfatiza ainda a necessidade de se pesquisar e refletir mais sobre o *bullying*.

Nogueira (2005 b, p.101) considera que:

O *bullying* acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. Por violência entre pares entendem-se maus-tratos, opressão, intimidação e ameaças que ocorrem de forma intencional e repetida. Isso inclui gozações, apelidos maldosos e xingamentos que magoam profundamente a criança e pode causar sérios prejuízos emocionais, como perda de autoestima e exclusão social.

Silva (2010) defende que o termo *bullying* é utilizado para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos como meninas. Dentre esses comportamentos destacamos as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todas realizadas de maneira intencional.

A autora anteriormente citada, afirma ainda que, se pararmos para pensar, todos nós já fomos vítimas de um *bully* em algum momento de nossa vida. Pois os valentões não estão somente nas escolas, eles podem ser encontrados em qualquer segmento da sociedade (Silva, 2010).

Silva (2010, p.22) considera que, “no contexto familiar, os bullies crescidos e mais experientes podem ser identificados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos, capazes de destruir a saúde física e mental, e a autoestima de seus alvos prediletos.”

Neste contexto, é necessário esclarecer que a forma de educação dentro da família pode ser definida como um meio condutor da criança para participação de atos violentos contra seus colegas da escola, ou então para que se tornem vítimas do *bullying*.

Portanto, como podemos ver, há muitos fatos que influenciam a violência, como por exemplo, a mídia, e até a vida que levam em casa junto com os pais, irmãos e outros parentes, por isso, precisamos estar atentos para tentar prevenir esta ação.

2.2 HISTÓRICO DO *BULLYING*

O *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria escola. Foi na década de 70 que surgiu na Suécia um grande interesse da sociedade pelos problemas desencadeados entre agressor e vítima de *bullying*, que configuram este fenômeno que se estendeu por todos os outros países escandinavos (FANTE, 2011).

Dez anos depois, a Noruega contou com a colaboração do pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, que iniciou a pesquisa do tema. O autor procurou detectar os problemas de forma específica, diferenciando de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais. Segundo Fante (2005), Olweus pesquisou cerca de oitenta mil estudantes, trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, incluindo vários tipos de ensino. Com a pesquisa constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*.

Perante tal verificação, o governo norueguês instituiu uma campanha nacional contra o *bullying*, que resultou em uma redução de 50% dos casos de *bullying* nas escolas daquela nação. Esse fato incentivou vários países a promoverem campanhas de intervenção, alguns desses foram o Reino Unido, o Canadá e Portugal (FANTE, 2005).

Fante (2005) constatou que vários pesquisadores de todo o mundo têm se atentado para esse fenômeno, apontando aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento, e principalmente por atingir os primeiros anos de escolarização. Estima-se que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no ambiente educacional, atuando como vítimas ou agressoras.

Uma das primeiras investigações registradas sobre o *bullying* no Brasil foi em 1997, desenvolvida pela professora e pesquisadora Marta Canfield, da Universidade Federal de Santa Maria. Ela observou o comportamento agressivo em crianças de quatro escolas públicas na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Entre 2000 e 2001, foram realizados pelos professores Israel Figueira e Carlos Neto, uma investigação sobre o assunto, para diagnosticar o *bullying* em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (FANTE, 2005).

Segundo Silva (2010), a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) também se dedica a estudar, pesquisar e a divulgar o fenômeno *bullying* desde 2001. No período entre novembro a dezembro de 2002 e março de 2003, a ABRAPIA realizou uma pesquisa, por meio de um questionário aplicado a alunos de 5º a 8º séries, de 11 escolas, no qual estavam participando nove escolas públicas e duas particulares, do estado do Rio de Janeiro.

Os resultados da pesquisa, segundo Silva (2010), apontaram dados bastante significativos:

- Dos 5.875 alunos participantes, 40,5% (2.217) admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do *bullying*, seja como alvo (vítima), seja como autor (agressor).
- Houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) sobre o sexo feminino (49,5%), na participação ativa das condutas de *bullying*.
- As agressões ocorreram principalmente na própria sala de aula (60,2%), durante o recreio (16,1%) e no portão das escolas (15,9%).
- Em torno de 50% dos alvos (vítimas) admitiram que não relataram o fato aos professores e tampouco aos pais .

No ano de 2000, a professora e pesquisadora Cleo Fante desenvolveu estudos e pesquisas sobre o *bullying* no interior paulista. Ela tinha por objetivo combater os comportamentos agressivos entre os estudantes e conscientizar os pais, os professores, os alunos e os demais profissionais envolvidos no processo educacional. Com o programa “Educar para a Paz”, Fante procurou demonstrar que era possível reduzir os índices de manifestações de *bullying* por meio de palestras, seminários e congressos, incentivando novos estudos e pesquisas, promovendo cursos de capacitação, com o objetivo de identificar e diagnosticar o fenômeno para intervir em suas causas e consequências, visando à redução (FANTE, 2005).

Fante (2005) demonstrou em sua pesquisa que há pouca conscientização da realidade do fenômeno nos meios educacionais, e aponta o despreparo dos profissionais desse setor para lidarem com a violência. A pesquisadora relatou que muitos diretores negaram o fenômeno da violência existente em suas escolas, principalmente os diretores de escolas particulares. Mas, após a apresentação dos resultados das pesquisas, mostrando a existência do *bullying*, ficaram assustados por nunca imaginarem que isso ocorresse em sua escola.

Segundo Fante (2005), os objetivos propostos pelo programa “Educar para a Paz” foram os seguintes:

- Que os alunos fossem conscientizados do fenômeno e suas consequências, a partir da análise das próprias experiências vivenciadas no cotidiano, a fim de que percebessem quais os pensamentos e emoções despertadas por ele, bem como os motivos norteadores desse tipo de conduta.
- Que os alunos, por meio da interiorização de valores humanos, desenvolvessem a capacidade de empatia, a fim de que percebessem as implicações e os sofrimentos gerados por esse tipo de comportamento e desenvolvessem habilidades para sua erradicação.
- Que os alunos se comprometessem com o bem comum e se tornassem agentes de transformação da violência na construção de uma realidade de paz nas escolas.

Segundo Fante a elaboração do Programa “Educar pela Paz” foi fruto de muitos estudos e pesquisas no campo da educação. O programa é de fácil aplicabilidade e pode ser adaptado conforme as necessidades de cada escola.

2.3 COMO SE DESENVOLVE O BULLYING NAS ESCOLAS

O *bullying* é um fenômeno que pode ocorrer em locais como a escola, o trabalho, em casa ou em qualquer outra instituição. No âmbito escolar pode vir a prejudicar o rendimento escolar.

Fante (2005), afirma que o fenômeno *bullying* já está na escola há muito tempo, porém de forma oculta e sutil, passando despercebido para a maioria dos profissionais da educação. Por esse motivo, é essencial que os profissionais da educação saibam identificar quem são os alunos que estão envolvidos nessa problemática.

O *bullying* pode ocorrer de duas formas, direta ou indiretamente. A forma direta é aquela na qual acontecem as agressões físicas e verbais. A forma indireta acontece quando existe a exclusão e a discriminação da vítima por parte de seu grupo social, como também, através da disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes. Ambas são prejudiciais ao psiquismo da vítima.

São vários os protagonistas do fenômeno *bullying*, e podem ser divididos em vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor ou espectador.

Fante (2005), afirma que estudiosos do fenômeno *bullying* identificam e classificam os tipos de papéis desenvolvidos, tais como:

- **Vítima típica:** Aluno pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outro colega e que não possui recursos e nem habilidades para reagir às agressões;
- **Vítima provocadora:** aquela que provoca e atrai reações agressivas, mas não consegue lidar contra elas com eficiência. Ela tenta revidar quando atacada, porém geralmente de maneira ineficaz. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora, é de modo geral tola e imatura, com costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra;
- **Vítima agressora:** é aquela que reproduz os maus tratos sofridos. A vítima agressora é aquele aluno que passou por situações de sofrimento na escola e

tende a buscar indivíduos mais frágeis do que ele, para agredir, aumentando assim os casos de *bullying*;

- **Agressor:** é aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia;
- **Espectador:** é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre e nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor.

É necessário que toda a comunidade escolar, pais e professores, estejam atentos para conseguir identificar as vítimas e os agressores, e não permitir que esta violência continue, causando tantos danos às pessoas.

Como a maioria das vítimas fica em silêncio, é necessário ficarmos atentos a alguns sinais. De acordo com o pesquisador Dan Olweus (*apud* FANTE, 2005), para que um aluno seja identificado como vítima, o professor deve observar se ele apresenta alguns destes comportamentos:

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- Na sala de aula tem dificuldades em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?
- Apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural?
- Falta às aulas com certa frequência (absentismo)?
- Perde constantemente os seus pertences?

Os mesmos procedimentos interrogativos devem ocorrer em relação ao agressor. Entre seus comportamentos habituais:

- Faz brincadeiras ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil?

- Coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas de forma malsonante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?
- Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?
- Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento?

Por tudo isso que foi apresentado, é essencial que as escolas e as famílias em parceria, se conscientizem dessa violência e ajudem a combatê-la, promovendo uma educação baseada em respeito pelo outro, promovendo campanhas anti-*bullying*.

2.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING*

As consequências desse ato de violência podem ser desastrosas, afetando todos os envolvidos, mais especificamente a vítima, que poderá levar marcas para o resto da vida. Essas consequências podem aparecer a curto ou a longo prazo, envolvendo áreas emocionais ou sociais.

A autora Fante, em seu livro “fenômeno *bullying*” deixa claro as consequências da conduta deste:

[...] afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental (FANTE, 2005, p. 79).

Cada vítima tem uma forma de lidar com essa violência, alguns conseguem superar o trauma vivenciado, mas outros poderão não superar o trauma, causando sérios danos ao seu psiquismo. A superação do trauma vivenciado, depende das características individuais, do seu relacionamento consigo mesmo e com a sociedade, principalmente com sua família.

Fante (2005), cita alguns problemas e/ou distúrbios que podem se desencadear nas vítimas do *bullying*, caso a superação não aconteça.

- Afeta o comportamento, a construção de seu pensamento e a sua inteligência;
- Gera pensamentos negativos e de vingança;
- Baixa autoestima;
- Dificuldades de aprendizagem;
- Queda no rendimento escolar;
- Transtornos mentais e psicopatologias graves.

Muitas vezes cansados de serem humilhadas, as vítimas do *bullying* acabam virando vítimas agressoras, pois com um sentimento ruim de vingança tentam acabar com o sofrimento cometendo ataques bárbaros em escolas. São vários relatos de vítimas que entraram armadas em escolas, atirando em alunos e professores, e depois cometem suicídio.

Para o agressor também há consequências negativas, pois uma criança ou jovem que tem o prazer de maltratar, humilhar e agredir o outro, pelo prazer de vê-lo sofrer, certamente terá desvio de conduta na sua vida adulta, podendo vir a se envolver no mundo da criminalidade.

De acordo com Fante (2005, p.81):

O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida.

Tanto para o agressor, como para as vítimas o *bullying* traz consequências desastrosas, por isso a necessidade de acabar com esta violência, que cresce a cada dia mais no mundo.

O presente capítulo teve como objetivo compreender o fenômeno *bullying*, seus conceitos, históricos sobre o tema, como se desenvolve nas escolas e suas consequências, tendo por principal intuito, o de promover compreensão sobre o tema.

3 SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

A presente seção tem por objetivo compreender através de uma breve revisão bibliográfica, a transformação que vem ocorrendo no âmbito familiar e como a escola pode contribuir para que haja uma parceria entre escola e família.

Nogueira (2005 a), fez um balanço demográfico das principais mudanças que as famílias sofreram desde os meados do século XX até as últimas décadas. Nestas mudanças incluiu: o decréscimo do número de casamentos, taxa de divórcios, a diversificação dos arranjos familiares com a propagação de novos tipos de famílias (monoparentais, recompostas, monossexuais), o controle do tamanho da prole e do momento de procriação, incentivo à individualidade presente nos tempos atuais, à inserção da mulher no mercado de trabalho. Com isto, a autora nos mostra que a família passou de unidade de produção para unidade de consumo, pois no modelo de família patriarcal, os filhos eram tidos como posse do pai e representava o aumento da renda familiar, eles eram vistos como uma nova força de trabalho.

No modelo de família patriarcal, os membros eram: pai, mães, filhos, noras, genros, netos, primos, tios, tias, agregados, sendo que o pai ou patriarca era o provedor do sustento, e a mãe tinha como obrigação os cuidados domésticos e dos filhos. Dessa forma, esposa, filhos e demais membros deviam obediência ao provedor da família. Mas como cita Nogueira, ao longo do tempo esta situação foi mudando, por diversos fatores, tais como:

A proibição do trabalho infantil, a extensão do período de escolaridade obrigatória e a criação de sistemas de seguridade social, fez com que os filhos deixassem de representar para os pais uma perspectiva de aumento da renda familiar ou de recurso contra suas inseguranças no momento da velhice (NOGUEIRA, 2005 a, p.570).

Para Nogueira (2005 a), os filhos significam, atualmente, mais que objeto de afeto e de cuidados dos pais, chegando a ser razão de viver deles e o modo de se realizarem. Por isso, muitas famílias se limitam a ter menos filhos, para oferecerem melhores condições de vida. Segundo a autora, os filhos passaram de futura mão de obra para “bem de consumo afetivo”. Por isso, o investimento em cada filho é e será

cada vez maior e melhor, pois, atualmente, as crianças parecem vir ao mundo para satisfazer a necessidades afetivas e relacionais dos pais (NOGUEIRA, 2005 a).

Os pais procuram estabelecer com os filhos relações de amizade, de diálogo, pois sentem-se assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares e profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de colocá-los da melhor forma possível na sociedade (NOGUEIRA, 2005 a).

Esses fenômenos e modificações que a família vem vivenciando a partir da contextualização política, econômica e social, atingem também as escolas, especialmente a partir do início do século XX. Segundo Nogueira (2005), com o movimento escolanovista, os métodos pedagógicos tradicionais passaram a ser questionados, e novas pedagogias centradas no aluno e que recusam a concepção de criança como adulto em miniatura, além de defenderem a necessidade de se atentar para as características próprias da infância e de se adaptar as características próprias do educando, passam a vigorar nas escolas públicas e privadas. O aluno é compreendido como um sujeito ativo na construção do conhecimento. Atualmente as crianças contam com outras fontes de saber, e desse modo, a escola compreende que o aluno possui conhecimentos prévios dos diversos temas abordados nas aulas, portanto, se faz necessário conhecer o aluno e respeitá-lo em sua diversidade socioeconômica e cultural, isto significa, que se deve ter maiores contatos com a família de seu educando.

A tendência à proximidade com a família é um dos aspectos de transformação vivenciada pelas escolas, conforme palavras de Nogueira.

A instituição escolar moderna deve conceber seu trabalho educativo em conexão com as vivências trazidas de casa, pelo educando. Hoje mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e a da família (NOGUEIRA, 2005 a, p.573).

A maioria das escolas reconhece a necessidade de se aproximarem das famílias, mas há uma grande dificuldade dos professores em como promover esta parceria. Segundo Nogueira (2005 a), muitas escolas ao tentar conhecer a realidade dos alunos, de sua família, acabam buscando informações sobre os acontecimentos familiares mais íntimos, como crises e separações conjugais, doenças, desempregos.

Esse certamente não é o caminho para se chegar a uma parceria na relação entre escola e família.

O último aspecto de mudança na escola apontado por Nogueira (2005, p.573), é: “A escola estende agora a sua área de atuação em direção a terrenos reservados, no passado, à socialização familiar, como, por exemplo, a educação afetiva e sexual”. Portanto, a escola precisa estar preparada para assumir novas mudanças no processo educativo, entre eles, auxiliar as famílias.

Desse modo, faz-se necessário construir a relação família e escola, como uma parceira, pois se deve entender o espaço escolar como um lugar efetivo de diálogo com famílias, para que sejam discutidas e pensadas maneiras de combater o comportamento agressivo entre alunos e a violência nas escolas e nas famílias.

Segundo Caetano (2009), para que a escola possa de fato assumir parceria com a família, precisa evitar a classificação e a avaliação da família, procurando compreender a dificuldade da mesma em acompanhar o desempenho escolar das crianças, não como um sintoma da negligência ou da transferência do papel da família para escola. Faz-se necessário que professores reflitam a respeito de alguns aspectos essenciais:

- Os pais não são especialistas em educação; os professores sim;
- Reprovar os pais não ajuda em nada;
- Julgar, criticar e culpabilizar a família, não é papel da escola;
- Transferir a função da escola para a família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade dos pais;
- Deixar o problema do lado de fora dos portões da escola, ou dar o diagnóstico e não passar a receita é o tipo de atitude que revela falta de compromisso por parte do educador;
- A grande dificuldade da família hoje em dia está no processo de educação afetiva e moral (CAETANO, 2009, p.46);

Segundo Caetano (2009), todos esses aspectos precisam estar devidamente repensados pelos educadores. Porém, isso deve ocorrer não com intenção de uma instituição culpabilizar a outra pelas dificuldades recíprocas, inclusive pelo fenômeno *bullying*, mas com o ideal do reconhecimento de ambas como instituições que devem estabelecer parcerias efetivas para que juntas programem mudanças de combate ao fenômeno *bullying*.

Neste contexto, é necessário lembrar que a família tem um papel muito importante, pois a forma de educação dentro dela pode ser definida como um meio

condutor da criança para a participação em atos violentos contra os colegas da escola, conforme defende o autor Lopes Neto.

Algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças. Pode-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais (LOPES NETO, 2005, p.167).

Fante (2005) afirma que é oportuno que os pais reflitam sobre suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa aplicado com as crianças. Nem sempre os pais têm consciência de que certos comportamentos que os filhos manifestam são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares. Por isso, a autora defende que é essencial que os pais acompanhem o andamento escolar de seu filho, incentivando com entusiasmo e corrigindo com brandura.

Mais uma vez se faz necessária a união da escola e da família, pois a escola deve incentivar aos pais a participarem mais da vida escolar de seu filho. Segundo Fante (2005) para que a implantação do programa “Educar para a Paz” tenha sucesso em uma escola, é necessário à participação do segmento familiar.

Segundo a autora, os pais precisam ficar cientes de que seus filhos podem estar vivenciando a situação de vítima ou de agressor do *bullying*, e que a escola precisa da sua colaboração. É necessário que os pais reflitam sobre o modo como estão educando seus filhos. Fante (2005, p.147) afirma que a boa reflexão seria: “qual é o tipo de educação que minha família está oferecendo aos meus filhos? Para onde estamos norteando a vida deles, para as boas ou para más atitudes? Quanto tempo do dia dedico aos meus filhos?”.

Mas, segundo Caetano (2012, p.6):

[...] não é exagero dizer que o ato de educar está ainda mais desafiador do que sempre foi. A sociedade chamada pós-moderna é guiada por algumas características que dificultam muita a educação das crianças: a instabilidade dos valores, a busca desenfreada pelo prazer a qualquer custo, o consumismo, o individualismo e a própria dificuldade para atribuir sentido a vida.

Sendo assim, a autora defende que nessa realidade contemporânea se torna mais desafiadora a educação das crianças e dos adolescentes, pois perguntas como: “o que é certo e o que é errado?”, “como se deve agir?”, “que tipo de pessoa quero ser?”, e “o que não se pode deixar de ensinar aos filhos?”, são difíceis de serem respondidas nos dias atuais pelos próprios adultos.

Outra característica que Caetano (2012, p.8) aborda na sociedade é a falta de tempo dos pais que trabalham. “Os pais tem consciência de que, no meio de toda essa correria, não ficam com seus filhos. Então se sentem culpados de, nos poucos minutos que tem com eles, impor-lhes limites”.

Caetano (2012) defende que é exatamente nesse contexto contemporâneo que a escola pode atuar como um espaço privilegiado, que é o de convivência social, pois o papel da escola não é reprovar os pais, e nem ter preconceitos em relação a sua organização familiar. A autora defende que precisa ter uma parceria entre a família e a escola, e para isso acontecer é necessário que haja um diálogo nas reuniões de pais, que se abram espaços para a família falar, não apenas a ouvir e serem chamados a atenção, devido as dificuldades, problemas de comportamento e fracasso dos seus filhos.

Conforme a pesquisa de Caetano (2009), realizada no espaço de reuniões de pais, há uma tendência de que as escolas percebam este espaço como um momento de “chamar a atenção” dos pais para as dificuldades dos filhos, e especialmente, costumam se queixar que os familiares que mais precisariam estar presentes nas reuniões são exatamente aqueles mais faltosos.

As autoras Dessen e Polonia (2007, p.27), afirmam que “os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada”. Portanto, é necessário que família e escola façam uma boa parceria, para que juntas promovam uma educação de valores, baseada no respeito pelo outro, para que fortaleça um bom convívio entre ambas.

A presente seção teve como objetivo compreender as transformações ocorridas no âmbito familiar e como a escola pode contribuir para que aconteça uma parceria entre escola e família.

4 SOBRE A PESQUISA

Pensando em buscar atitudes e propostas de parceria na construção da relação família e escola para prevenir a ocorrência de *bullying* nas escolas, essa pesquisa teve como objetivo geral investigar o conceito de *bullying* à família de crianças do ensino fundamental.

Os objetivos específicos desse trabalho de conclusão de curso foram:

- Compreender através da revisão bibliográfica o fenômeno *bullying*: conceitos, históricos, como se desenvolve e suas consequências e compreender a relação família e escola.
- Investigar a relação família e escola, sobre a temática do *bullying*, procurando saber o que pensa a família sobre este fenômeno, analisando qual o papel da família na prevenção do *bullying* nas escolas.

4.1 OS PARTICIPANTES

Os participantes desse estudo foram constituídos de pais, mães e responsáveis de alunos do ensino fundamental. A amostra foi por conveniência, ou seja, contamos com participantes cooperadores que se dispuseram voluntariamente a responder ao questionário da pesquisa. A amostra se constituiu de 18 participantes.

Apresentamos ao final da exposição do método da presente pesquisa os dados demográficos que caracterizaram os participantes da mesma. Embora nesse trabalho não seja objetivo estabelecer uma comparação entre as respostas dadas pelos participantes em relação às variáveis sócio-demográficas, elas são apresentadas aqui como caracterizadoras dos participantes quanto a: faixa etária, sexo, escolaridade, renda familiar e composição familiar.

4.2 SITUAÇÃO EXPERIMENTAL

4.2.1 Local

A pesquisa foi realizada de modo informal, sendo que convidamos pais, mães e responsáveis por crianças que frequentam o ensino fundamental, a disponibilizarem quinze minutos do seu tempo para responderem a uma entrevista. Porém, quando mostramos as perguntas que iríamos fazer, pediram para deixar a folha com as perguntas que responderiam, pois assim se sentiriam mais à vontade. Entregamos a folha com as questões, algumas mães e pais responderam na hora, outros pediram para entregar a folha depois, e houve outros que pegaram a folha com as perguntas, mas não a devolveram.

4.2.2 Instrumentos de Pesquisa

Nessa pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa:

- 1) Termo de consentimento livre esclarecido para pais ou responsáveis ;
- 2) Questionário sócio-demográfico para pais ou responsáveis;
- 3) Roteiro do questionário, como abaixo apresentado:

1) Você sabe o que é *bullying*.

sim

não

mais ou menos

2) O que você sabe sobre *bullying*?

3) A escola já fez algum tipo de explicação sobre o tema do bullying.

não

sim, onde? reunião de pais

particularmente

palestra

4) Seu filho ou sua filha já foi vítima de *bullying* ? Conte o caso.

5) Qual o papel da escola ?

6) Qual o papel da Família?

4.3 PROCEDIMENTOS

4.3.1 Para a Coleta de Dados

Esse TCC está ligado ao projeto de pesquisa intitulado: “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores”, cuja coordenadora é a professora adjunta doutora Luciana Maria Caetano, orientadora do presente TCC.

Logo, como subprojeto do projeto de pesquisa: “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores” (CAEE 01924612.5.0000.0104), essa pesquisa foi avaliada e autorizada previamente pelo Comitê de Ética de Pesquisa com seres humanos da Universidade de Estadual de Maringá.

Os participantes da pesquisa assinaram o respectivo termo de consentimento livre e esclarecido (conforme anexo 1). A pesquisadora salvaguardou a todos os participantes o voluntariado na participação, bem como o direito ao sigilo e a interrupção ou desistência do preenchimento dos questionários.

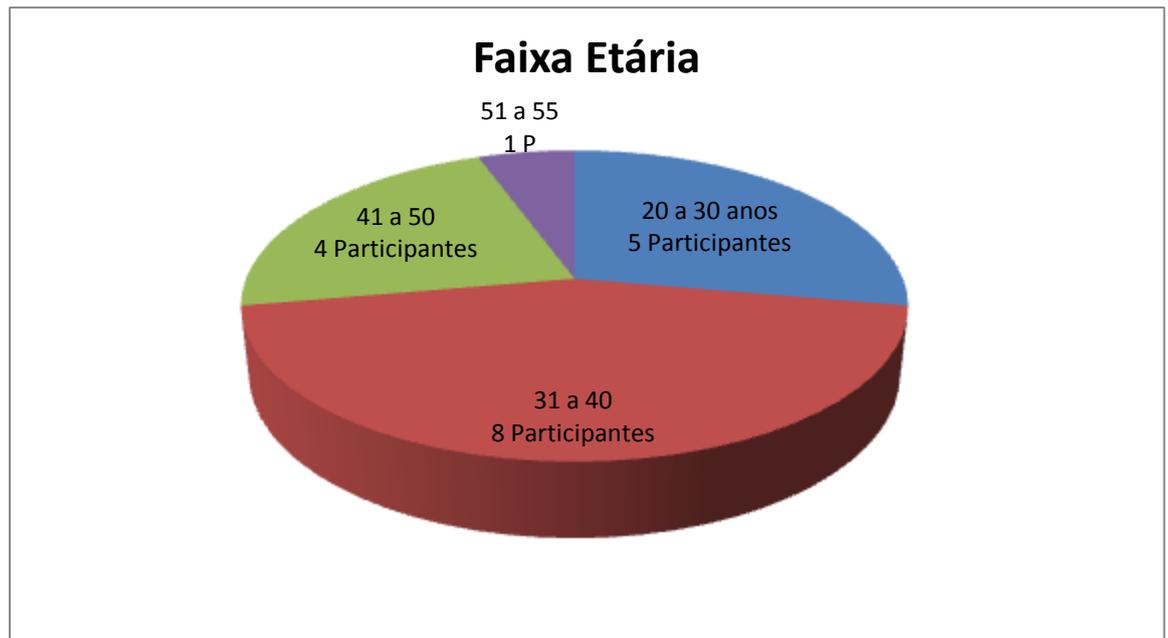
4.3.2 Para a Análise de Dados

Os dados foram analisados qualitativamente, estabelecendo relação entre as respostas dadas pelos participantes e a pesquisa bibliográfica.

4.4 ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO

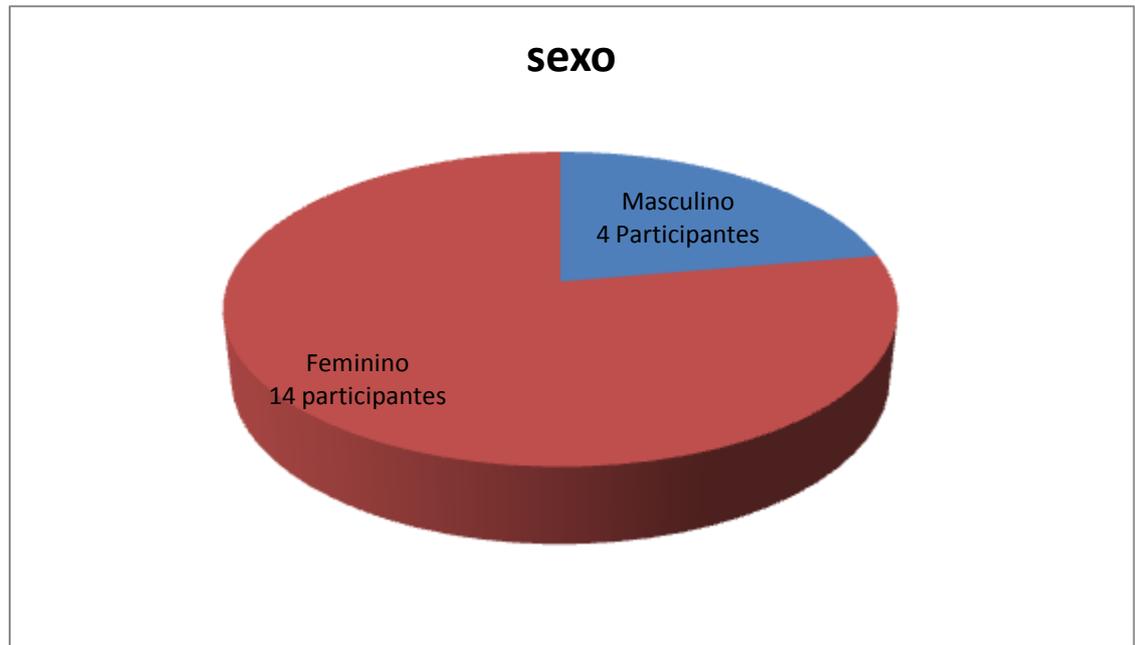
Seguem os gráficos que caracterizam nossa amostra de participantes:

Gráfico1 – Faixa Etária dos participantes da Pesquisa



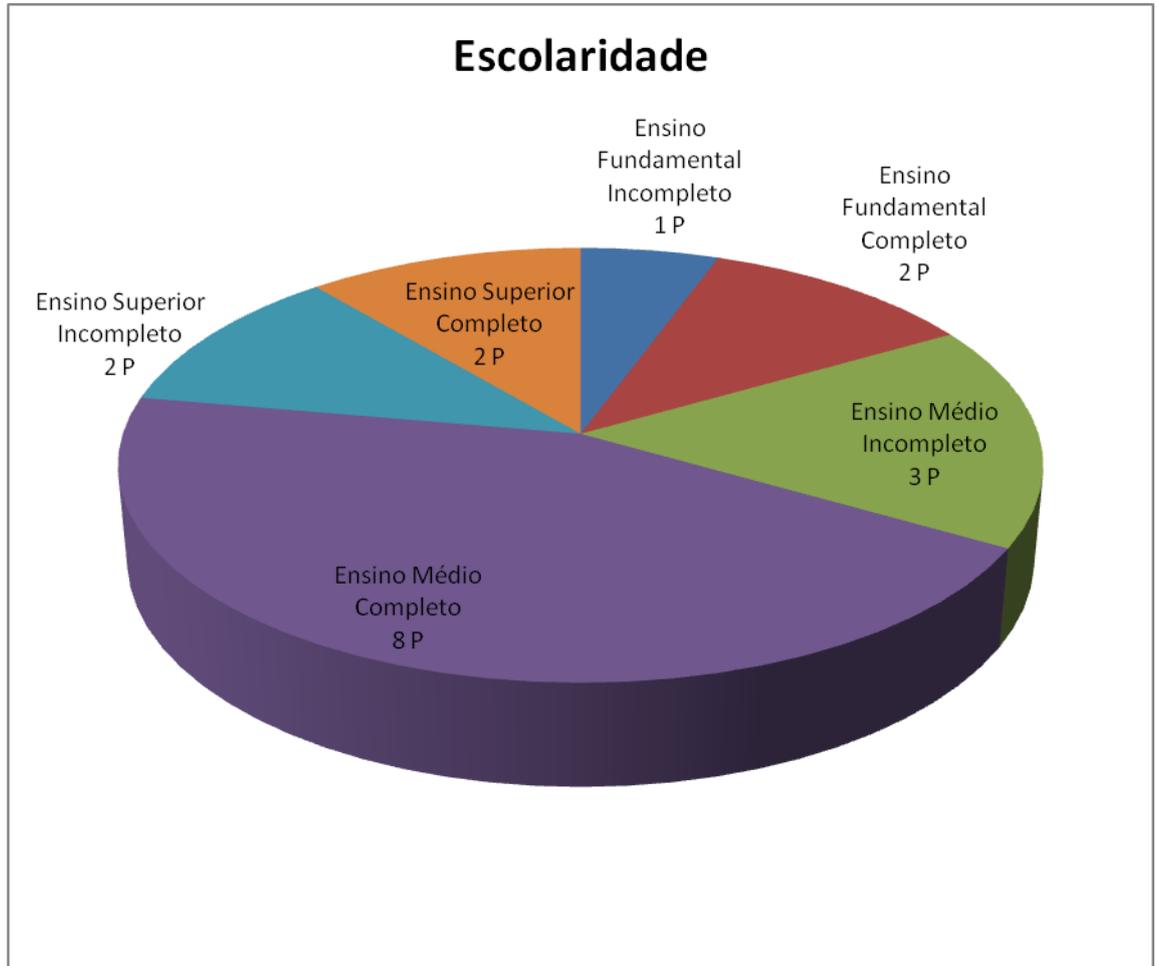
Fonte: Gráfico nosso.

Os 18 pais pesquisados apresentaram respectivamente idades entre 20 a 55 anos de idade, sendo que 5 deles têm de 20 a 30 anos de idade, 8 declararam ter de 31 a 40 anos, 4 têm de 41 a 50 anos e apenas 1 tem 55 anos.

Gráfico 2 – Sexo

Fonte: Gráfico nosso.

No que se refere ao gênero, apenas 4 são do sexo masculino. Os 14 participantes representam o sexo feminino.

Gráfico 3 – Escolaridade

Fonte: Gráfico nosso.

Quanto à formação escolar dos participantes: 1 participante têm o ensino fundamental incompleto, 2 têm o ensino fundamental completo, 8 têm o ensino médio completo, 3 têm o ensino médio incompleto, 2 têm o ensino superior completo e 2 têm o ensino superior incompleto.

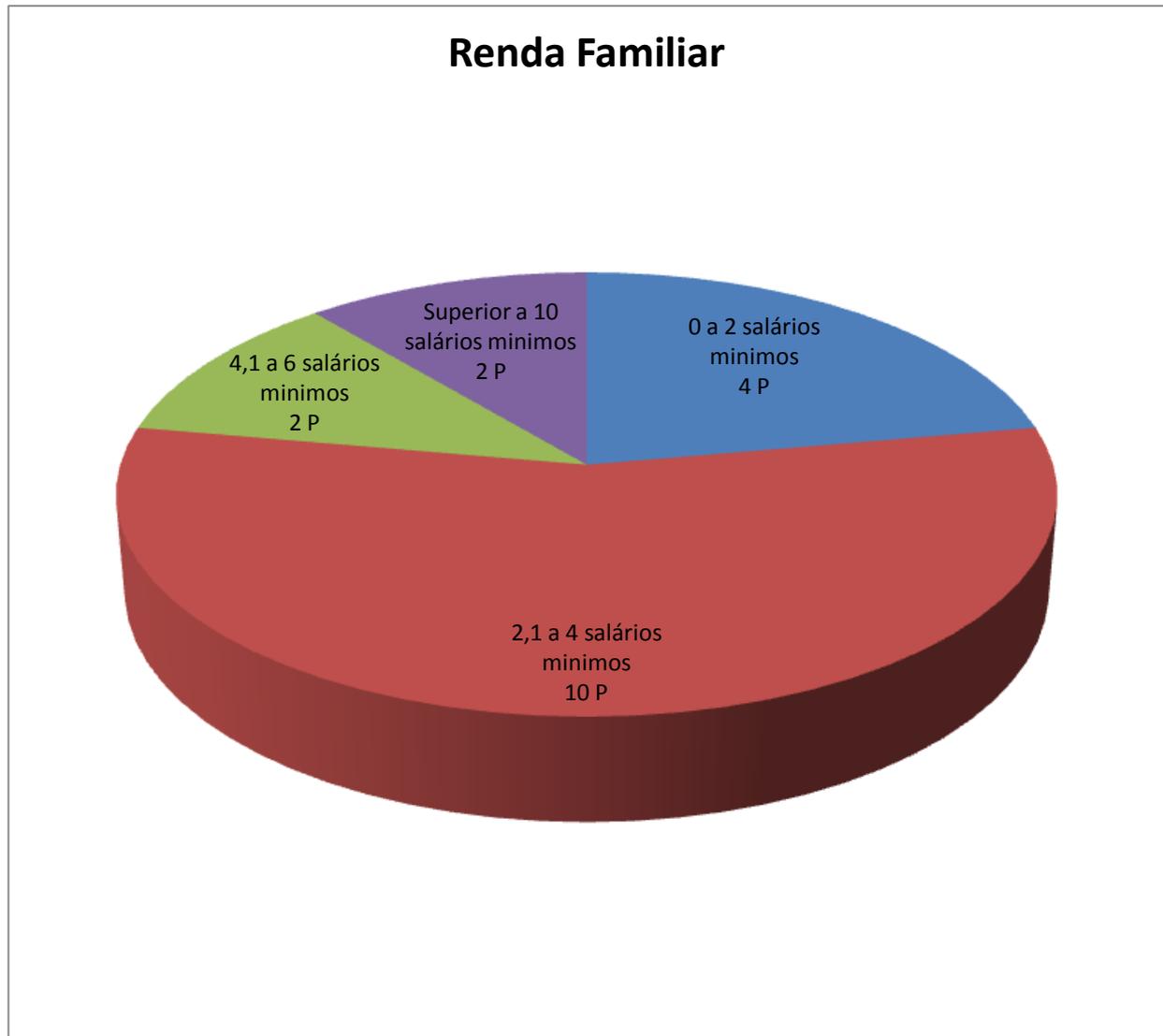


Gráfico 4 – Profissão

Fonte: Gráfico nosso.

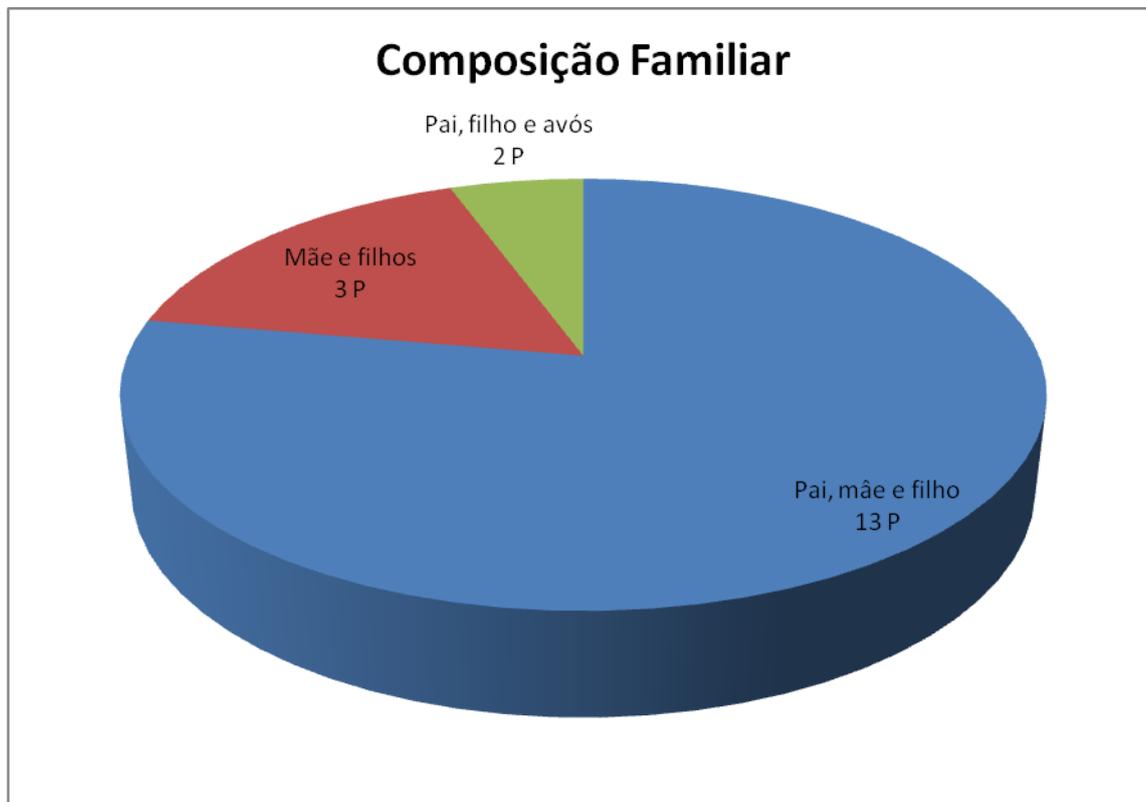
Os participantes afirmaram atuar nas seguintes profissões: 2 eram auxiliares de cobrança, 2 de serviços gerais, 2 manicures, 2 auxiliares de creches, 3 do lar, 1 auxiliar de laboratório, 1 auxiliar administrativo, 1 mecânico de manutenção industrial, 1 gerente de cobrança, 1 empresário, 1 vendedora e 1 tecnóloga em estética e cosmetologia.

A maioria dos pais pesquisados tem uma jornada de trabalho de oito horas, e julga ser flexível, trabalhando no período manhã e noite.

Gráfico 5 – Renda Familiar

Fonte: Gráfico nosso.

Os participantes apresentaram os seguintes resultados para a variável renda familiar: 4 dos participantes afirmaram ter uma renda familiar entre 0 e 2 salários mínimos, 10 afirmaram ter uma renda familiar de 2,1 a 4 salários mínimos, 2 afirmaram ter renda média entre 4,1 e 6 salários mínimos e 2 afirmaram ter renda superior a 10 salários mínimos.

Gráfico 6 – Composição Familiar

Fonte: Gráfico nosso.

Os pais escreveram no questionário as seguintes composições familiares: 13 famílias eram compostas de pai, mãe e filhos, 3 eram compostas de mães e filhos e 2 eram compostas de pai e filho e avós.

Quanto à quantidade de pessoas que moram na mesma casa variou entre 2 e 6 pessoas.

5 SOBRE OS RESULTADOS

A presente seção tem por objetivo responder a questão problematizadora desse trabalho de conclusão de curso: Qual é o conceito de *bullying* para a família de crianças do ensino fundamental?

Para isto, apresentaremos os resultados alcançados com a pesquisa de campo, analisando as respostas dadas a cada uma das 6 questões propostas.

5.1 QUESTÃO 1: VOCÊ SABE O QUE É O *BULLYING*?

Esta questão tinha as seguintes alternativas: sim, não ou mais ou menos.

Quando os 18 participantes foram questionados sobre ter conhecimento do que é o *bullying*, a maioria respondeu que sim, totalizando 17 pessoas e, apenas uma pessoa respondeu mais ou menos.

Porém, quando pedimos para escrever o que sabiam sobre o assunto, a maioria dos participantes não sabia definir o que é o *bullying*. Três pessoas não souberam responder a pergunta, porém assinalaram que sabiam do que se tratava, mas não a responderam.

5.2 QUESTÃO 2: O QUE VOCÊ SABE SOBRE *BULLYING*?

Abaixo para ilustrar a concepção dos pais transcrevemos as respostas.

- 1- “É algum tipo de agressão, física ou psicológica”.
- 2- “É uma forma de agressão psicológica ou física contra pessoas”.
- 3- “É uma humilhação que a criança, adulto sofre que marca psicologicamente”.

4- “Sei que *bullying* é uma forma de tortura que as pessoas sofrem na escola ou em qualquer outro lugar, e pode ser uma agressão física ou até mesmo verbal, causando várias consequências psicológicas”.

5- “É expor a pessoa a situações que a deixe discriminada, física ou moralmente”.

6- “Forma de violência a uma pessoa, uma ou mais escolhem a “vítima” e a intimidam, constrangem, maltratam”.

7- “É uma agressão que se faz tanto verbal como física, que é feito de modo repetitivo por uma ou mais pessoas contra uma pessoa”.

8- “Nome dado para descrever violências morais”.

9- “Eu sei que não pode ofender ou maltratar qualquer que seja a pessoa chamando de negra ou por apelido e outra coisa mais”.

10- “Sei que é um tipo de preconceito, sem limites algum, não vê sentimentos, nem classe social, não vê raça, não vê religião, enfim, sem limites”.

11- “Preconceito que as crianças sofrem pelos próprios coleguinhas”.

12- É uma discriminação feita às pessoas que normalmente não estão no padrão certo da sociedade, “que julga ser o certo”.

13- “Apelidos discriminatórios ou mesmo agressões”.

14- “É quando alguém da mesma turma fica criticando o amigo”.

15- “Sei que é um ato de violência que cada dia cresce mais em nosso país”.

Nesse sentido, a partir da análise dos indicativos acima demonstrados, pode-se notar que os pais têm um conceito superficial do *bullying*, pois para estas afirmações serem corretas, os participantes teriam que deixar claro que o *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas que se repetem. Apenas um dos participantes respondeu corretamente. A resposta que consideramos mais correta é a do participante número 7 “É uma agressão que se faz tanto verbal como física, que é feito de modo repetitivo por uma ou mais pessoas contra uma pessoa”.

Conforme citado na primeira seção, Fante (2005, p.28-29) define o *bullying* universalmente como:

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e

infernizam a vida de outros alunos levando-os á exclusão, além de danos físicos, morais e matérias.

Grande parte das pessoas confunde ou tende a interpretar o *bullying* simplesmente como uma prática de colocar “apelidos pejorativos ou um tipo de preconceito”. Cinco dos pais participantes responderam que o *bullying* está ligado ao preconceito, como relatam os pais nas respostas 9 até a 12. Como defende a autora na citação acima, o *bullying* envolve um conceito mais amplo.

Os pais muitas vezes quando se dão conta que seus filhos estão envolvidos com esta violência, tanto como vítima ou agressor, sofrem e não conseguem entender porque isto está acontecendo, tampouco sabem o que fazer para ajudar seu filho. Muitas vezes por desconhecerem esta violência, continuam omissos, apáticos e sem reação.

Com as respostas desta pergunta, fica evidenciado que os pais precisam ter mais informações sobre o assunto, para não “rotular” tudo como *bullying*, como cita Nogueira:

Para se refletir sobre o bullying, é essencial promover a orientação, a conscientização e a discussão a respeito do assunto. Nem toda briga ou discussão deve ser rotulada como bullying, para não cairmos no extremo oposto da tolerância zero, que não vai permitir a estas crianças e jovens que estão em fase de desenvolvimento que aprendam a viver harmoniosamente em grupo. A diferença entre um comportamento aceito e um abuso às vezes é muito tênue, e cada caso deve ser observado e analisado segundo sua constância e gravidade (NOGUEIRA, 2005, p.100).

Para que aconteça uma prevenção contra o bullying, seria necessário uma parceria entre professores, familiares e alunos, possibilitando aos mesmos, ao menos informações e orientações adequadas.

5.3 QUESTÃO 3: A ESCOLA JÁ FEZ ALGUM TIPO DE EXPLICAÇÃO SOBRE O TEMA DO *BULLYING*?

Em resposta a esta questão, 11 dos participantes responderam que não, e apenas 7 responderam que sim, sendo que 5 deles responderam que ouviram

explicações sobre o tema *bullying* na escola em dias de reuniões de pais e 2 responderam que ouviram sobre o assunto em palestras.

Com este resultado, se confirma a necessidade exposta na seção três, ou seja, faz-se necessário construir a relação família e escola como uma parceira, pois se deve entender o espaço escolar como um lugar efetivo de diálogo com famílias, para que sejam discutidas e pensadas maneiras de combater o comportamento agressivo entre alunos e a violência nas escolas e nas famílias.

Desse modo, demonstra-se a responsabilidade de todos os envolvidos na questão do *bullying*, tanto os pais como as escolas que devem buscar soluções para evitar que esse fenômeno alcance proporções desastrosas.

A escola precisa receber mais as famílias para discutir sobre o *bullying*, pois faltam muitas informações para os pais como: explicar o fenômeno, e envolver as famílias para que as mesmas tenham interesse em participar e prevenir, para que não aconteça mais este tipo de violência.

5.4 QUESTÃO 4: SEU FILHO OU SUA FILHA JÁ FOI VÍTIMA DE *BULLYING* ? CONTE O CASO.

Nessa questão, 12 dos participantes responderam que não, 1 não respondeu a pergunta e 5 responderam que sim.

Para ilustrar a concepção dos pais transcrevemos as respostas abaixo:

1. “Sim. Meu filho sofreu agressões de um colega que ficava o ameaçando, isso o prejudicou psicologicamente, pois ficou doente com medo do menino.”

2. “Sim. Ele era um aluno da APAE e os colegas dele o chamavam de doidinho da APAE.”

3. “Nossa família têm sobrenome Cavalini e por isso sempre têm pessoas que imitam cavalo ou faz som de cavalo com a boca imitando cavalo.”

4. “Minha filha foi picada por algum inseto no olho durante a noite, amanheceu inchado. Quando foi à escola, as crianças, ou seja, os coleguinhas da sala riam bastante de seu olho e deixaram-na no dia “meio de lado”, ela ficou muito chateada.”

5. “O filho da minha amiga, um menino de 8 anos. O coleguinha xingava, ameaçava ele, o mesmo nem queria mais ir à escola com medo. Ficou doente.”

Analisando as respostas acima, podemos observar que na maioria das respostas não há evidência de *bullying*, pois está faltando para os pais uma maior compreensão do que é o fenômeno. Fato que já havíamos identificado nas respostas a segunda pergunta de nosso instrumento.

Um exemplo claro do não entendimento e ou total compreensão por parte dos pais do fenômeno *bullying* é o relato da resposta número 4: “Minha filha foi picada por algum inseto no olho durante a noite, amanheceu inchado. Quando foi à escola, as crianças, ou seja, os coleguinhas da sala riam bastante do seu olho e deixaram-na no dia “meio de lado”, ela ficou muito chateada.”

Neste relato a mãe considera que sua filha sofreu *bullying*, mas casos como estes não podem ser considerados como tal, pois a criança passou por uma situação de constrangimento, mas foi apenas naquele dia que foi picada pelo inseto, portanto não pode ser considerado *bullying*.

Nesta análise apenas consideramos os relatos número 1 e o número 5, como um possível caso de *bullying*, pois conforme relatado na resposta 5, o menino apresentou comportamentos típicos de uma vítima de *bullying*: não querer ir para a escola e ter ficado doente por causa das humilhações. Verifica-se que, de fato podemos identificar nesse caso, uma possibilidade de tal criança ter sofrido *bullying*.

Interessante relato de uma mãe que respondeu a pergunta da seguinte maneira: “Não. Mas não precisamos sofrer o *bullying*, nem ter conhecidos que sofreram, para sabermos, basta assistir diariamente os telejornais”.

Não concordamos com esta afirmação, pois acreditamos que assistir casos de *bullying* relados pela mídia, não seja suficiente. Faltam informações para os pais, a maioria é influenciada pelo que ouvem na televisão ou na internet, poucos tiveram um esclarecimento maior sobre o assunto, e como não estão bem informados, acabam preferindo pensar que seus filhos nunca sofreram e nem cometeram tal violência.

5.5 QUESTÃO 5: QUAL O PAPEL DA ESCOLA ?

Com relação à essa questão, os participantes responderam da seguinte maneira:

- 1- “Orientação e divulgação sobre *bullying*.”
- 2- “Orientar e promover palestra para coibir esta prática.”
- 3- “Orientar os pais e os alunos a respeito deste assunto.”
- 4- “Orientar alunos, e em casos concretos, reunir-se com os pais”.
- 5- “Orientando os alunos, fazendo palestras”.
- 6- “Orientar, acompanhar e ajudar os pais quando isso acontece, pois na maioria das vezes o *bullying* acontece na escola.
- 7- “Orientar os alunos sobre isso e, principalmente, os professores, porque eles fazem a diferença entre o aluno de baixa renda e os que têm um pouco mais.”
- 8- “Fazer reuniões, palestras sobre o assunto, que tem muita gente que não sabe quase nada sobre o *bullying*.”
- 9- “Avisar aos pais tanto de quem fez quanto da vítima, e no ato orientar as crianças para evitar novos casos.”
- 10- “Observar com atenção o comportamento dos alunos e estar atento à reclamação”.
- 11- “A escola deve esclarecer e conscientizar pais, alunos e responsáveis, do dano que pode causar à vítima do *bullying*, e prestar atenção se está acontecendo casos, para coibir o quanto antes.”
- 12- “Educar, dar palestras explicativas, para que isso não ocorra”.
- 13- “Informar aos pais sobre o que acontece com nossos filhos e tomar providencias.”
- 14- “Sempre estar observando o comportamento dos alunos, e tomando providencias se estiver algo errado”.
- 15- “Acompanhar e resolver da melhor forma o problema.”
- 16- “Punir quem pratica o *bullying*.”
- 17- “Informar e conscientizar que é um crime.”
- 18- “Fundamental, mas com a educação de hoje, infelizmente é impossível concluirmos bons resultados.”

A partir da análise dos indicativos anteriormente demonstrados, dos 18 participantes da pesquisa, 9 deles disseram que o papel da escola é orientar, conscientizar e fazer palestras sobre este fenômeno, 3 responderam que o papel da escola é orientar os alunos e em “casos concretos” avisar aos pais. Ainda, 1 deles respondeu que a escola deve observar os alunos e se atentar às reclamações dos mesmos e 1 respondeu da seguinte maneira: “Informar aos pais o que acontece com os filhos e tomar providencias, acompanhar e resolver da melhor forma, punir quem pratica”.

A partir dessas duas últimas respostas, podemos verificar que um pai quer a atenção da escola para os comportamentos e as expressões ou reclamações de seu filho, o que julgamos muito justo da parte dele e consideramos realmente que o mínimo que a escola pode fazer por nossas crianças é observa-las e ouvi-las para bem atendê-las. Quanto à resposta do último participante, discordamos, pois bem sabemos que punir quem pratica não é a providência mais acertada nem com o agressor e, que esse tipo de atitude não será suficiente para bem lidar com o problema.

Julgamos que com relação às demais respostas, é importante que a escola trabalhe em conjunto com a família, para orientar e conscientizar pais e alunos sobre esta violência. Mas este trabalho precisa ser feito constantemente, não apenas quando acontece o fato de verdade, como alguns pais responderam que o papel da escola é avisar aos pais quando acontecer “casos concretos”.

As escolas têm o papel de orientar os pais a respeito do *bullying*, mas podemos constatar que nem todas as escolas e os profissionais da área estão preparados para trabalhar com este tema, pois acabam passando uma visão equivocada do que é o *bullying*, a mesma visão que os pais têm e que a mídia mostra. É necessário que os profissionais da educação tenham cursos e palestras, para aprender a combater o *bullying* e assim proporcionar informações aos pais, por meio de diferentes meios, palestras, orientações, reuniões, objetivando um trabalho de prevenção voltada para a formação da criança e do adolescente.

Afinal, conforme percebemos pelo resultado da pesquisa, além desse ser o papel da escola, ou seja, ao menos informar os pais sobre os processos nela vivenciados, os resultados das respostas a essa questão 5, nos mostraram que os pais têm a expectativa de que seja papel da escola, orientar, conscientizar e fazer palestras sobre este fenômeno. Logo, podemos dizer que os pais pesquisados,

demonstraram interesse e desejo de encontrarem nas escolas espaços de estudo, informação e orientação, ou seja, espaços nos quais encontrem os professores como parceiros na educação de seus filhos.

5.6 QUESTÃO 6: QUAL O PAPEL DA FAMÍLIA?

Os participantes da pesquisa responderam esta questão da seguinte maneira:

- 1- “Apoiar a criança que passou por isso, e procurar junto ao problema uma solução”.
- 2- “Orientar os filhos a falar para os pais se eles estão sofrendo algum *bullying*, para os pais poderem tomar providencias.”
- 3- “Verificar sinais de mudança de comportamento dos filhos, se não querem ir à escola e identificar o motivo. Conversar muito com as crianças e adolescentes que sofrem e mesmo com as que praticam, do mal que estão causando ao próximo”.
- 4- “Estar sempre conversando com os filhos, procurando saber como foi o dia na escola, se sofreu alguma agressão ou não, e sendo presente nas reuniões dos filhos na escola”.
- 5- “Conversar, ver se está correto, se o filho não passa por tal constrangimento.”
- 6- “A família tem que dar atenção ao filho quando chega da escola, perguntando sempre como foi o seu dia, observar se ele está triste ou quer ficar isolado de todos, se tem crises de choro e se as suas notas caíram, sempre com muito diálogo.”
- 7- “Conversar muito sobre isso com seus filhos, porque se nós não queremos que os nossos filhos sofram o *bullying*, também não podem fazer com os outros.”
- 8- “Educar os filhos e orientá-los quanto ao *bullying*.”
- 9- “Ensinar a respeitar as pessoas com suas diferenças.”
- 10- “Orientar bem os filhos em casa através de leituras ou mesmo pela internet.”
- 11- “Ensinar aos filhos que é crime e que temos de respeitar todos sem diferenças.”

12- “Educar para que o filho não cometa e apoiar, caso seja vítima, explicar e tomar providencia junto à escola, por exemplo, se for o local onde ocorreu”.

13- “Da criança que fez, deve-se ter muito diálogo, é meio complicado porque geralmente quem faz algo muito assim “errado”, é por falta da própria família, criação de cada criança. Já a criança que sofreu, além de diálogo, às vezes é necessário ajuda de um psicólogo, dependendo da gravidade do caso.”

14- “Em minha opinião é educar bem meus filhos, nunca arrumar confusão, orientar eles a sempre que tiver algum problema me comunicar e também comunicar a professora, e nunca passar a mão na cabeça quando estiver errado.”

15- “Perguntar aos filhos se sofre esse tipo de violência e orienta-los a não cometer esse ato”.

16- “Procurar ajuda e estar sempre ao lado do filho para dar mais segurança a ele.”

17- “É conversar sempre com os filhos, perguntar se está tudo bem e que não precisa ficar com medo.”

18- Comparecer e colaborar no que for necessário.

Para esta análise, fizemos a seguinte classificação para as respostas dadas pelos pais: medidas de prevenção, medidas de remediação e medidas de educação.

As respostas dadas do número 1 ao número 5 foram as que consideram que a família tem como papel a remediação do fenômeno *bullying*, pois os pais relataram que o papel da família seria tomar algum tipo de providencia, mas após a criança ter sofrido ou ter causado o *bullying*. Porém, a família precisa ter a consciência de que é necessário prevenir para que não aconteça, e que remediar após o acontecimento, pode ser uma medida necessária, mas bastante imprudente do ponto de vista de que bem sabemos que o *bullying* pode gerar problemas psicológicos irreversíveis.

As respostas de número 6 e 7 foram analisadas como medidas de prevenção, ou seja, o papel da família é prevenir o fenômeno do *bullying*. Conforme os nossos estudos, esse é mesmo um procedimento imprescindível à família, ou seja, pensar e conduzir a educação dos filhos de modo que, estejam preparados para se defenderem desse tipo de agressão e tenham princípios suficientes para não praticá-lo.

As respostas de números 8 à 11 foram analisadas como respostas que propõem à família medidas de educação, pois nos relatos os pais falam que precisam

ensinar ao filhos sobre o *bullying*. Concordamos plenamente com esses familiares, no entanto, retomamos o problema da falta de conhecimento adequado por parte da família para bem educar e orientar seus filhos, no tocante ao fenômeno.

A resposta número 15 apresentou medidas de prevenção e educação, ao mesmo tempo, e a resposta de número 16 apresentou medida de prevenção e remediação.

Finalmente, os participantes 12, 13 e 14 apresentaram as respostas mais completas e adequadas ao nosso ponto de vista, pois as opiniões emitidas por eles condizem com as três medidas: prevenção, remediação e educação. Trata-se da maneira mais eficaz de estar ao lado das crianças, usando-as, ou seja, educando para que se previna o envolvimento com o *bullying* e também auxiliando caso se observe que de algum modo, ela já esteja vivenciando o problema, seja como vítima, agressor ou expectador.

Fante apresenta a opinião dos diversos especialistas no assunto, a respeito do papel da família em relação ao *bullying*:

A opinião comum entre os diversos especialistas no assunto é que os pais devem procurar elevar a auto-estima dos seus filhos, ressaltar sempre suas qualidades e capacidades, procurar não culpa-los pelo que lhes está ocorrendo, nem incentivá-los a revidar aos ataques, pois isso somente aumentaria a violência (FANTE, 2005, p.75-76).

Analisando as respostas, chegamos a conclusão de que os pais tem interesse em ajudar seus filhos, mas falta informação e orientação, pois o papel da família seria fazer uma parceria com a escola no sentido de promover a educação em valores, baseada no respeito pelo outro, para estabelecer um bom convívio entre família e escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar qual é o conceito de *bullying* para a família de crianças do ensino fundamental. A pesquisa buscou através de um questionário feito aos pais, responder a esta pergunta.

A partir da análise das respostas, podemos concluir que os pais têm um conceito superficial do assunto, têm apenas uma ideia do que se trata, fazendo confusão ao definir o *bullying* como uma agressão, preconceito, brincadeiras de chacota entre crianças.

Mas, podemos dizer que os pais se preocupam com seus filhos e têm boa vontade em aprender mais sobre o assunto, porém questionam a falta de orientação por parte das escolas. Eles têm muitas expectativas em relação à escola, pois esperam que a escola os oriente, atenda seus filhos, ofereça palestras e que os ajude a educar os filhos.

Concordamos que as escolas têm o importante papel de orientar pais e alunos sobre o bullying, mas chegamos à conclusão que nem mesmo as escolas encontram-se aptas para oferecer esta formação. Um exemplo é o programa “Educação para a Paz”, de uma Secretaria Municipal da Educação do Estado do Paraná, que lançou um gibi de orientação sobre o tema, no qual podemos observar que as informações contidas no material têm a mesma concepção de *bullying* que a apresentada pelos pais na pesquisa: “que o *bullying* é por apelidos nas pessoas, é chamar de gordo, colocam que é um tipo de ofensa verbal, física ou moral, mas não esclarecem que para ser *bullying*, precisa ocorrer repetidamente, entre as outras características que o definem.

O *bullying* encontra-se nas principais discussões educacionais da atualidade, o professor pedagogo precisa buscar formação sobre o tema para atender as necessidades da escola e da família.

Diante da pesquisa realizada, percebemos a grande dificuldade em realizar uma pesquisa de campo, pois muitas pessoas se recusam em participar, preocupam-se com a divulgação dos dados. Em relação a nós, pesquisadores, existe uma dificuldade em analisar as respostas devido à pouca experiência na organização do trabalho científico e pouca formação na graduação sobre o tema abordado.

Após realizar a pesquisa, mesmo com as dificuldades encontradas, podemos relatar que foi uma experiência gratificante, pois aprendemos a superar as dificuldades encontradas e a despertar o interesse para novas pesquisas sobre o tema. Sugerimos um novo estudo sobre o *bullying*, pois acreditamos ser necessário entrevistar nas escolas, para saber se os profissionais da área estão preparados para abordar este tema para seus alunos e a comunidade escolar.

Concluimos assim, que é necessário que se viabilizem mais pesquisas sobre o *bullyig*, para que esses estudos promovam a formação e atuação dos pedagogos, para que os mesmos consigam auxiliar de forma correta o combate do *bullying*, bem como para que estejam bem preparados para amparar e orientar a família, constituindo-se como parceiros na construção de uma educação que promova a paz.

REFERÊNCIAS

CAETANO, L.M. **A influência do contexto familiar no processo de aprendizagem dos alunos.** In: Paula, F. e Trento, D. (Org.) Formadores da criança e do jovem: interfaces da comunidade escolar. São Paulo: Cengage, 2012(no prelo).p.1-37.

CAETANO, L.M. **Dinâmicas para reunião de pais:** a construção da parceria entre escola e família. São Paulo: Paulinas, 2009.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos do desenvolvimento.** *Paidéia*, 17 (36), p. 21-32, 2007.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying –** Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. Campinas, SP: Veros, 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying - comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de pediatria*, Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em mar.2012.

NOGUEIRA, M. A. **A relação escola-família na contemporaneidade:** fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, XL (176), p. 563-578, 2005 a.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. **A prática de violência entre pares:** o bullying nas escolas. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 37, p. 93-102, 2005 b. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd52/picchia.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2011.

SILVA, A. B. B. **Bullying:** Mentas perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ANEXOS

Anexo 1

Cópia das pesquisadoras

Eu _____faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a acadêmica Sirlei Ferreira dos Santos e sua orientadora Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, da Universidade Estadual de Maringá, a utilizarem, as informações e opiniões emitidas neste(s) questionário(s) com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que cumpra os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2012
